

A Técnica Moderna em foco: de princípio civilizador para Karl Marx ao “Gestell” de Martin Heidegger.

Rafael Mandagaran Gallo*

Introdução

O presente texto, de caráter ensaístico, pretende discorrer sobre a temática “técnica” sob as perspectivas de autores clássicos nas Ciências Humanas: Karl Marx, Theodor Adorno e Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Martin Heidegger.

Seguindo tal propósito, a discussão possui como ponto de partida dois artigos de Karl Marx: “O domínio britânico na Índia” e “Futuros resultados do domínio britânico na Índia”. Ambos contêm a idéia da *técnica moderna* como *princípio civilizador*: o papel da nação capitalista mais avançada do século XIX seria o de “civilizar” a “tradicional” sociedade indiana mediante a inserção da estrutura produtiva industrial, onde o aparato técnico-científico possui destaque.

No momento subsequente, as observações dos teóricos do Instituto para Pesquisa Social de Frankfurt, abarcando a crítica do *esclarecimento* (Adorno; Horkheimer, 1985) e a lógica da *racionalidade tecnológica* (Marcuse, 1999), são marcos para a análise da técnica moderna por meio da *kulturkritik*.

Por último – mas apreendendo o sentido da expressão da língua inglesa, *last, but not least* - as considerações de Martin Heidegger sobre o tema merecem destaque: tendo por base o texto *A Questão da Técnica*¹, as idéias apresentadas pelo filósofo alemão possuem relações com a crítica cultural, elucidando de maneira contundente aquilo que chama de *essência da técnica*.

1 - Karl Marx e “O domínio britânico na Índia”: a técnica moderna como princípio civilizacional.

* Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da Universidade Federal de Santa Catarina e bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPq – Brasil.

¹ HEIDEGGER, M. A Questão da Técnica. In: **Conferências e Ensaios**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 11-38.

Em dois artigos para *New-York Daily Tribune*, publicados em meados de 1853, Karl Marx expressa suas considerações em relação ao papel da Grã-Bretanha na conquista da Índia. Algumas delas referem-se ao papel britânico: “A Inglaterra tem de cumprir na Índia uma dupla missão: destruidora, por um lado, e regeneradora, por outro. Tem que destruir a velha sociedade asiática e assentar as bases materiais da sociedade ocidental na Ásia” (MARX, s/d, p. 292). As “fundações materiais da sociedade ocidental” significam o modelo econômico capitalista, com todo seu desenvolvimento industrial e técnico².

No artigo *O domínio britânico na Índia* (o título do original em inglês, *British Rule in India*), o autor manifesta a inferioridade civilizacional da então sociedade indiana, a partir de sua organização sócio-econômica

Por mais importantes que tivessem sido as mudanças políticas experimentadas no passado pela Índia, as suas condições sociais permaneceram intactas desde os tempos mais remotos até o primeiro decênio do século XIX. (...) Não devemos esquecer que essas pequenas comunidades estavam contaminadas por diferenças de casta e pela escravidão, que elas submeteram o homem às circunstâncias exteriores em lugar de fazê-lo soberano das mesmas circunstâncias, que convertem um estado social que se desenvolvia por si só num destino natural imutável, criando assim um culto grosseiro da natureza, cuja degradação salta à vista no fato de que o homem, o soberano da natureza, cai de joelhos, adorando o macaco Hanuman e a vaca Sabbala.(MARX, s/d, p. 288-291).

Entretanto tal inferioridade é *limitativa*, pois se refere às condições objetivas/materiais necessárias à *revolução social*: o capital, entendido como *valor* gerado por meio da extração da *mais-valia*, é *revolucionário*³. O desenvolvimento material, técnico e científico provindo de tal modo de produção consegue operacionalizar mudanças nas sociedades em que se desdobra. A lógica de crise de tal sistema, segundo a teoria marxiana, que acabaria por levar a tal revolução (apropriação dos meios de produção pela classe trabalhadora) somente ocorrerá se a estrutura industrial – ou seja, a aplicação da técnica industrial - estiver consolidada, configurando-se como base produtiva de determinada sociedade⁴.

² Para Karl Marx, o desenvolvimento técnico e científico está intimamente relacionado com o modo de produção capitalista.

³ MARX, K. **O Capital: livro I, capítulo VI (inédito)**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978.

⁴ *O domínio... e Futuros resultados...*

Dessa forma, o papel da Inglaterra para a Índia era determinante: o capital inglês acabaria por trazer à sua colônia a modernidade ocidental⁵, destruindo a estrutura econômica estagnante de outrora que impedia o desenvolvimento de condições necessárias a uma emancipação da população.

Os ingleses foram os primeiros conquistadores de civilização superior à hindu e, por isso, ficaram imunes a ação desta última. Os britânicos destruíram a civilização hindu quando dissolveram as comunidades nativas, arruinaram por completo a indústria indígena e nivelaram tudo que era grande e elevado da sociedade nativa. A indústria moderna (...) destruirá a divisão hereditária do trabalho, base das castas hindus, esse principal obstáculo ao progresso e ao poderio da Índia. (...) Os hindus não poderão colher os frutos dos novos elementos da sociedade, que semeou entre eles a burguesia britânica, enquanto na própria Grã-Bretanha as atuais classes governantes não forem desalojadas pelo proletariado industrial, ou enquanto os próprios hindus não forem fortes para acabar de uma vez para sempre com o jugo britânico (MARX, s/d, p. 293,295 e 296).

Dentro de tal concepção, a nação capitalista mais avançada no século XIX era considerada por Marx, neste contexto, como “(...) instrumento inconsciente da história ao realizar essa revolução” (MARX, s/d, p. 291). Assim, a técnica industrial é considerada “princípio civilizador” e, no caso, a Grã-Bretanha com seus interesses econômicos sendo convertidos em uma missão civilizadora.

Contudo, tal processo possui como fundamento a *razão*. Marx, em ambos artigos publicados no *New York Daily Tribune*, ressalta o papel da tecnologia (transporte e industrial) e da ciência européia. O “projeto iluminista” faz-se presente: a emancipação humana mediante o desenvolvimento da *ratio* em contraposição aos elementos religiosos ou místicos, definidores da estrutura social da Europa medieval, ocupa o lugar central em tal princípio civilizatório da sociedade moderna.

Entretanto, esta associação entre técnica e razão, tendo aquela imposto uma racionalidade tecnológica à sociedade⁶, ou utilizando o termo de Adorno e Horkheimer, com vestes de *esclarecimento*, é o principal motivo da impossibilidade do projeto humanista.

2 - O Esclarecimento reduzido à técnica como princípio auto-alienador.

⁵ A expressão “modernidade ocidental” refere-se aos desdobramentos técnico-científicos provindos com o desenvolvimento do modo de produção capitalista, tendo como fundamento a *ratio*.

⁶ MARCUSE, H. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: **Tecnologia, Guerra e Fascismo**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 73-104.

No prefácio da obra *Dialética do Esclarecimento*, Theodor Adorno e Max Horkheimer explicitam a idéia de que o esclarecimento acabou por significar “aplicação técnica” (ADORNO, HORKHEIMER, 1985). Tal associação, segundo os autores, implica numa falta de autoconsciência do que viria a ser o esclarecimento desmistificador, acabando por culminar naquilo que o *pensamento*, a *razão* vêm a combater: o mito.

Além desse aspecto, a *técnica* é indissociável do sistema econômico vigente, ou seja, o capitalismo.

O pensar reifica-se num processo automático e autônomo, emulando a máquina que ele próprio produz para que ela finalmente possa substituí-lo. (...) O procedimento matemático tornou-se, por assim dizer, o ritual do pensamento. Apesar da autolimitação axiomática, ele se instaura como necessário e objetivo: ele transforma o pensamento em coisa, em instrumento, como ele próprio o denomina⁷.

Se a aparelhagem técnica é caracterizada como *aparelhagem econômica*, e o pensamento reificado, então o esclarecimento se transformou, se *mitificou*, com um formato de “maquinaria”, resultando na autoalienação do indivíduo. Não passa de mero instrumento: configura-se como *razão instrumental*.

Logo, convém lembrar a concepção de Karl Marx no tocante à emancipação do povo indiano por meio da introdução do modelo sócio-econômico “ocidental”, baseado nos desdobramentos técnico-científicos. Segundo Marx, no artigo “Futuros Resultados”,

Os indígenas educados de má vontade e em pequenas doses pelo ingleses, em Calcutá, constituem a origem de uma nova classe que reúne os os requisistos necessários para governar o país e imbuída de ciência européia. O vapor estabeleceu uma comunicação rápida e regular entre a Índia e a Europa e ligou os seus principais portos a todos os portos dos mares do Sul e do Oriente, contribuindo assim para tirar a Índia do seu isolamento, primeira condição da estagnação que sofre o país (MARX, s/d, p. 293).

Para o mesmo autor, a “aparelhagem técnica”, a “aplicação técnica”, o cientificismo sem autoconsciência corresponde ao esclarecimento, à *ratio*, e é necessário a um “mundo novo”:

⁷ ADORNO, T; HORKHEIMER, M. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985, p. 21.

O período burguês da história está chamado a assentar as bases materiais de um novo mundo: a desenvolver, de um lado, o intercâmbio universal, baseado na dependência mútua do gênero humano, e os meios para realizar esse intercâmbio; e, de outro, desenvolver as forças produtivas do homem e transformar a produção material num domínio científico sobre as forças da natureza. A indústria e comércio burgueses vão criando essas condições materiais de um novo mundo do mesmo modo que as revoluções geológicas criavam a superfície da Terra (MARX, s/d, p. 297).

Assim, o desenvolvimento civilizacional, mediante o desenvolvimento técnico, não possui a capacidade emancipadora, recaindo na alienação dos indivíduos. O projeto iluminista entendido como “emancipador da humanidade mediante a razão” não encontrou terreno para sua realização, e, segundo tal ótica, a técnica entendida como *instrumento econômico* ocupa lugar de destaque em tal processo.

3 – Herbert Marcuse e a Técnica moderna: a superação da racionalidade individualista pela tecnológica.

O teórico da *grande recusa* e do *homem unidimensional* contribuiu de maneira significativa à temática, também sob a ótica da *kulturkritik*. Em seu artigo *Algumas Implicações Sociais da Tecnologia Moderna*, Marcuse discorre sobre as transformações da sociedade ocidental (capitalista) por meio do desenvolvimento técnico: apresenta os conceitos de *racionalidade individualista* e *tecnológica*, que merecem uma breve descrição.

Marcuse, assim como Adorno e Horkheimer, parte da análise dos valores da cultura burguesa - sua crise – tendo como indicador a *racionalidade*, ou seja, a ação individual conduzida pelo esclarecimento, o que acabou por determinar um *padrão de individualidade* baseado na busca do interesse próprio: adventos da Revolução burguesa. É o que o autor denominou de *racionalidade individualista*, próprio de uma sociedade que tem por unidade fundamental o *indivíduo* (MARCUSE, 1999). O meio para o desenvolvimento ou ação de tal padrão seria a sociedade liberal, tendo por pressuposto o princípio do individualismo, onde somente como *sujeito econômico livre* é que a individualidade ocorre por meio da livre concorrência no mercado. Este conjunto de valores se manteve até o início da “marcha da tecnologia”.

Todavia, com o desenvolvimento técnico, o padrão de individualidade e sua imanente lógica de ação individual foram alterados; mas não devido a causas diretas de tal desdobramento: mas sim à sua aplicação e utilização.

Não estamos tratando da influência ou do efeito da tecnologia sobre os indivíduos, pois são em si uma parte integral e um fator da tecnologia, não apenas como indivíduos que inventam ou mantêm a maquinaria, mas também como grupos sociais que direcionam sua aplicação e utilização.⁸

Houve a substituição, ou melhor, imposição de um novo padrão de individualidade, pois a sociedade capitalista, baseada numa produção cada vez mais mecanizada e racionalizada, tende a abolir tal individualização mediante a concorrência, já que agora o sujeito econômico livre não possui mais espaço, pois aquele que não detiver o poder tecnológico para a atividade produtiva, coloca-se fora do mercado (MARCUSE, 1999). Surge uma nova dinâmica, fundada no funcionamento *eficiente* do *aparato*⁹ culminando na determinação de um novo padrão de individualização tendo a *racionalidade tecnológica* como pressuposto. Esta nova forma impõe aos indivíduos um plano de ação que busca a *eficiência* – não desperdício de recursos, realização de tarefas num espaço de tempo¹⁰ - culminando na mitificação do que viria a ser uma ação baseada na razão, tendo a impossibilidade do esclarecimento como resultado.

A racionalidade tecnológica advinda com o aparato é, na realidade, mito (ADORNO;HORKHEIMER, 1985), disfarçada de ação fundada na ratio. Com isso, há um *modus operandi* nas sociedades em que a racionalidade tecnológica acabou de se impor a todo funcionamento social, como se um mecanismo fosse acionado e não tivesse maneira de ser impedido, influenciando todos os campos das ações humanas. Nesse sentido, as reflexões de Martin Heidegger, principalmente o Dispositivo (Gestell), merecem espaço no presente trabalho.

4 – Martin Heidegger: o Dispositivo e a Disponibilidade.

⁸ MARCUSE, 1999, p. 73.

⁹ “O termo ‘aparato’ designa instituições, dispositivos e organizações da indústria em sua situação social dominante”. (MARCUSE, 1999, p. 77).

¹⁰ Convém lembrar a *dromologia* de Paul Virilio, onde, contemporaneamente, a *velocidade* se configura nas sociedades como idéia pura e sem conteúdo. VIRILIO, P. **Velocidade e Política**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1997.

As considerações do filósofo alemão sobre a técnica moderna, em especial, a determinação do que viria ser sua *essência*, merecem destaque já que duas categorias heideggerianas são correlacionais à perspectiva da crítica cultural pelos teóricos “frankfurtianos”: o *Dispositivo* (Gestell) e a *Disponibilidade* (Bestand). Entretanto, para o entendimento de ambos pe necessário um terceiro: o *Desocultamento* (Entbergung).

O Desocultamento estaria ligado à questão da *produção*. Para o autor, o sentido deste é aquele em que se encerra a idéia de “algo que vem à luz”. A técnica é um artifício para “produzir” aquilo que não se mostra por si mesmo. Logo, a técnica é *artificial*. Contudo, é por meio desta “produção” que as quatro formas de causalidade¹¹ articulam-se na tentativa de fazer viger aquilo que ainda não é vigente. Além da percepção *correta* da instrumentalidade da técnica, sua Essência não pode transparecer sendo caracterizada de tal modo. O que a torna *Verdade* – somente assim, segundo Heidegger, pode-se perceber a Essência – é a *Produção*, ou seja: a técnica opera no nível da Verdade de algo. Então, a produção no sentido heideggeriano pode ser caracterizada como uma *Forma de Desocultamento* (Entbergung). Este *Desocultamento* é colocado da seguinte forma:

Quem constrói uma casa ou um navio, quem funde cálice sacrificial descobre-o [desoculta-o] a ser produzido nas perspectivas dos quatro modos de deixar-viger. Este descobrir [desocultar] recolhe antecipadamente numa unidade o perfil e a matéria do navio e da casa numa coisa pronta e acabada e determina daí o modo de elaboração. O decisivo da □□□□□ não reside, pois, no fazer e manusear, nem na aplicação de meios mas no descobrimento mencionado. É neste descobrimento [desocultamento] e não na elaboração que a □□□□□ se constitui e cumpre em uma produção¹².

Então, a produção – como desocultamento – é uma *forma de verdade*. Todavia, a verdade heideggeriana não é *absoluta* nem *relativa*: simplesmente mostra algo, significa alguma coisa.

Com isto, a *Essência da técnica moderna* para o filósofo alemão pode ser descrita como um processo de desocultamento onde sua característica não é a produção, mas o desocultamento referente ao *beneficiamento* e *armazenamento energético* – ou seja, uma exploração imposta à natureza para tal objetivo. Na verdade, tal desocultar adquire o sentido de *exploração*. O desocultamento caracteriza-se em *pôr* tudo aquilo que está *disposto* a ser explorado. De acordo com o autor

¹¹ Refere-se à causalidade aristotélica: *causa materialis*, *causa formalis*, *causa finalis* e *causa efficiens* (HEIDEGGER, 2002).

¹² HEIDEGGER, 2002, p. 18.

Esta exploração se dá e acontece num múltiplo movimento: a energia escondida na natureza é extraída, o extraído vê-se transformado, o transformado, estocado, o estocado, distribuído, o distribuído, reprocessado. Extrair, transformar, estocar, distribuir, reprocessar são todos modos de desencobrimento [desocultar]¹³.

Percebe-se que a natureza é entendida como um reservatório energético, demonstrando o caráter técnico-industrial do relacionamento homem/sociedade e o ambiente natural.

Neste ponto um conceito merece destaque: a *Disponibilidade (Bestand)*. Segundo Heidegger, a “(...) palavra ‘disponibilidade’ se faz agora o nome de uma categoria. Designa nada mais nada menos do que o modo em que vige e vigora tudo que o desencobrimento [desocultamento] explorador já atingiu” (HEIDEGGER, 2002, p. 20-21). A *disponibilidade* só é como tal *a partir e pelo* disponível. É um desocultar que se apóia sobre outros processos de desocultamento. Além do mais, há uma determinação nas escolhas do homem para “demandar a natureza”. O homem só mostra, com a técnica, aquilo que é possível. A relação *homem/desocultamento* é definida por Heidegger da seguinte forma: somente o que chega ao homem como desafio é que pode ser desoculto. O homem precisa ser desafiado a explorar as energias da natureza para que realize o desocultamento do que está disposto. De acordo com Heidegger

Quando, portanto, nas pesquisas e investigações, o homem corre atrás da natureza, considerando-a um setor de sua representação, ele já se encontra comprometido com uma forma de desencobrimento. Trata-se da forma de desencobrimento [desocultamento] da técnica que o desafia a explorar a natureza, tomando-a por objeto de pesquisa até que o objeto desapareça no não-objeto da disponibilidade¹⁴.

Este “desafio” é posto pelo “*Gestell*”, ou melhor, “*Dispositivo*”, que seria “(...) o apelo de exploração que reúne o homem a dispor do que se descobre [desoculta] como disponibilidade” (HEIDEGGER, 2002, p. 23). É um conjunto de “pores” no intuito de *demanda* da disposição. O “dispositivo” contém o impulso desafiador, provocativo, ao mesmo tempo em que fornece a base, a estrutura para a percepção da natureza como algo a ser demandado. É uma força técnica acima do homem. O *dispositivo* é um tipo de desocultamento que rege a técnica moderna. Através dele, a essência da técnica moderna torna-se evidente. É devido a ele também o fato da essência da técnica moderna ser caracterizada pela exploração da disposição da natureza como disponibilidade pelo homem. Este é agente do dispositivo. A

¹³ Ibid, p. 20.

¹⁴ Ibid, p. 22.

forma como a natureza é representada pelo homem, como um reservatório energético, demonstra tal constatação – neste ponto do texto, Heidegger discorre sobre a contribuição do desenvolvimento das Ciências Matemáticas da Natureza para tal representação da e, por conseguinte, seu desocultamento como disponibilidade. O cálculo permitiu ao homem perceber a natureza como um sistema de *forças calculáveis*.

Dessa forma, a ligação com as idéias dos teóricos da *kulturkritik* torna-se evidente: há uma automação no processo do desenvolvimento técnico que, mesmo baseando-se na razão, não traz uma mediação consciente, reflexiva entre os homens em sociedade. O homem não possui o controle sobre tal mecanismo: por isso a mitificação, alienação por meio da técnica moderna. Mesmo se vestindo esclarecimento, não o é. Na filosofia heideggeriana, tal automatismo é denominado de *Destino (Geschick)*. Assim, o dispositivo como modo de desocultamento seria um *envio do destino*. Aquele é então um *destino do desocultamento*. Mas esta força que encaminha o homem a desocultar a disposição é para o filósofo alemão o grande *perigo*: a própria técnica acaba sendo apenas um *meio* para a disponibilidade. Dessa forma o autor conclui que “(...) a composição provocadora [dispositivo provocador] da exploração não encobre [oculta] apenas um modo anterior de desencobrimento [desocultamento], a produção, mas também o próprio desencobrimento [desocultamento], como tal, e, com ele o espaço, onde acontece, em sua propriedade o desencobrimento [desocultamento], isto é, a verdade” (HEIDEGGER, 2002, p.30).

Tanto Heidegger quanto Marcuse não descartam uma aplicação ou utilização da técnica de forma positiva, por isso aquele afirma que a essência da técnica é ambígua, existindo então uma possibilidade de reflexão sobre a técnica e com isso uma *escatologia sutil* (HEIDEGGER, 2002). Para o autor de *Eros e Civilização*, há também esta possibilidade de transformação da caracterização da técnica enquanto aparato, ou seja, do questionamento da racionalidade tecnológica (MARCUSE, 1999).

Referências Bibliográficas

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985;

HEIDEGGER, M. A Questão da Técnica. In: **Conferências e Ensaios**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 11-38;

MARCUSE, H. Algumas implicações sociais da tecnologia moderna. In: **Tecnologia, Guerra e Fascismo**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999, p. 73-104;

MARX, K. **O Capital: livro I, capítulo VI (inédito)**. São Paulo: Ciências Humanas, 1978;

MARX, K. O domínio britânico na Índia. In: MARX; ENGELS. **Obras escolhidas**. V1. São Paulo: Alfa-Ômega, p. 286-291;

_____. Futuros resultados do domínio britânico na Índia. In: MARX; ENGELS. **Obras escolhidas**. V1. São Paulo: Alfa-Ômega, p. 292-297.